



Instituto Espírita Natalício de Jesus (1908-1911): estratégias de legitimação e sistematização do espiritismo em São Paulo

Instituto Espírita Natalício de Jesus (1908-1911): strategies for
legitimizing and systematizing spiritism in São Paulo

Fausto Henrique Gomes Nogueira*

Resumo

O presente artigo tem como propósito evidenciar a atuação do Instituto Espírita Natalício de Jesus e dos intelectuais engajados nessa instituição, como Anália Emília Franco, Francisco Antônio Bastos e João de Camargo Penteado, no âmbito do circuito espírita da cidade de São Paulo, no início do século XX; em um momento no qual diferentes associações e intelectuais espíritas concorriam para estabelecer a hegemonia no campo, além de intentar a uniformização das práticas. Essa associação representou um espaço de sociabilidade a partir do qual pretendia estabelecer uma orientação doutrinária ao movimento a partir da construção de uma identidade espírita relacionada às dimensões educacional, cultural e social do período; além de representar uma iniciativa singular ao criar uma escola direcionada para os filhos de espíritas. Ao analisar os impressos doutrinários editados por esses agentes, as revistas *Natalício de Jesus* e *Nova Revelação*, o texto pretende refletir sobre o debate acerca da história do espiritismo em São Paulo.

Palavras-chave: Espiritismo. São Paulo. Instituto Espírita Natalício de Jesus. Anália Franco. Francisco Bastos. João Penteado.

Abstract

The purpose of this article is to highlight the performance of the Instituto Espírita Natalício de Jesus and the intellectuals engaged in this institution, such as Anália Emília Franco, Francisco Antônio Bastos and João de Camargo Penteado, within the scope the spiritist circuit in the city of São Paulo, at the beginning of the 20th century; at a time when different spiritist associations and intellectuals competed to establish hegemony in the field, in addition to trying to standardize practices. This association represented a space of sociability from which it intended to establish a doctrinal orientation to the movement, from the construction of a spiritist identity related to the educational, cultural and social imensions of the period; in addition to representing a unique initiative by creating a school aimed at the children of spiritists. By analyzing the doctrinal publications edited by these agents, the magazines *Natalício de Jesus* and *Nova Revelação*, the text intends to reflect on the debate about the history of spiritism in São Paulo.

Keywords: Spiritism. São Paulo. Instituto Espírita Natalício de Jesus. Anália Franco. Francisco Bastos. João Penteado.

Artigo submetido em 30 de novembro de 2023 e aprovado em 14 de novembro de 2024.

* Doutor em História Social pela USP, professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-9758-0587. E-mail: fausto@ifsp.edu.br.

Introdução

O processo de inserção do espiritismo e sua difusão na sociedade brasileira ocorreu a partir de caminhos heterogêneos, em um contexto de secularização da sociedade nas últimas décadas do século XIX. Em relação à cidade de São Paulo, a crescente modernização e o conseqüente aumento populacional, com a vinda de novos grupos sociais para o ambiente urbano, especialmente ex-escravizados e imigrantes, além do surgimento de novas camadas sociais intermediárias, propiciaram o advento de um espaço público rico e plural, caracterizado por novos imaginários que ampliaram o quadro cultural e ideológico da cidade. Nessa perspectiva, Maria Cristina Wissenbach observa que:

[...] O processo de urbanização, marcado pelo crescimento espantoso do número de habitantes da cidade, vinha inscrito também no alastramento de vertentes do pensamento espiritualista: a difusão do espiritismo, as teorias e práticas relacionadas ao magnetismo animal, a ciência do ocultismo, a quiromancia e a cartomancia mesclavam-se às tradições existentes e acabavam por moldar práticas e figuras sociais multifacetadas (Wissenbach, 1997, p. 9).

O espiritismo adquiriu legitimidade na sociedade paulista impulsionado pela fundação de associações nas quais os agentes erigiram novos espaços de convivialidade no ambiente urbano, no modelo de sociedades de ideias, oferecendo propostas de regeneração da sociedade, e criticando as estruturas ideológicas tradicionais, pautadas pelo catolicismo ultramontano, pelo patriarcalismo e pela rígida hierarquia social¹. Nesse aspecto, atuaram no espaço público paulista de múltiplas formas, construindo espaços de reunião que ofereciam conferências, bibliotecas públicas, e uma diversificada rede de obras de benemerência, incluindo hospitais, escolas, doação de remédios homeopáticos e outras ações direcionadas para os grupos excluídos da sociedade.

Com o tempo, muitas dessas associações criaram seus órgãos de imprensa para amplificar a propaganda doutrinária, defender o espiritismo dos ataques de

¹ “Sociedades de ideias” consiste em uma categoria analítica interessante ao possibilitar a compreensão sobre a atuação de determinados grupos sociais. Para Jean-Pierre Bastian (1989) elas representam um tipo de sociabilidade própria da modernidade, caracterizada por um modelo associativo pautado por sociedades voluntárias que romperam com a estrutura hierárquica tradicional e são compostas por atores sociais coletivos, reunidos em termos de novos valores e ideais, relacionados à vivência democrática, à liberdade e ao livre-pensamento; para o autor as sociedades espíritas se enquadram nesse modelo, pois, mais do que representantes de seitas religiosas, formaram sociedades abertas à cultura e ao liberalismo, edificando “obras de civilização” como escolas e hospitais, em uma relação aberta com a sociedade. François Furet (1989) observa que essa “sociabilidade democrática” possui a função de estabelecer consensos, a partir da realização de discussões internas, e de sua difusão para toda a sociedade, o que é possibilitado pela existência de uma “comunhão ideológica”, derivada das ideias iluministas.

outros grupos, especialmente católicos, e estabelecer as formas legítimas de interpretação do espiritismo². O estudo dessa imprensa periódica é imprescindível para a compreensão das nuances desse movimento e as características dessas novas convivalidades forjadas por grupos minoritários e dissidentes. De acordo com Heloisa Cruz, a imprensa pode oferecer maior “visibilidade a outras práticas associativas, revelando vivências de grupos sociais intermediários e surpreendendo novas dimensões da vida cultural dos grupos sociais” (Cruz, 2000, p. 64).

Nesse sentido, o entendimento acerca da atuação dos grupos de intelectuais pertencentes a essas associações é indispensável, pois, através de seus impressos, se relacionaram com a vida urbana e cultural da cidade. Dessa maneira, uma das formas de se abordar a história do espiritismo é pelo estudo da atuação de atores engajados na construção de identidades espíritas nesses espaços associativos. Sobre o campo intelectual, Sirinelli observa que:

O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um “pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo “redes” para definir tais estruturas. Elas são mais difíceis de perceber do que parece. Entre as estruturas mais elementares, duas, de natureza diferente, parecem essenciais. As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão - pelas amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem - e de exclusão - pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das ideias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão (Sirinelli, 2003, p. 248-249).

Para Sirinelli (2003), a atuação dos intelectuais facilita a constituição de redes de sociabilidade que formatam um “microclima” portador de características específicas, sendo primordial na compreensão de processos de aclimação de ideias e de construção de identidades. A partir da fermentação dos debates suscitados e da constituição de afetos entre os seus membros, podemos

² Alguns agentes fundamentais considerados referências na imprensa espírita paulista do período, foram o comerciante português Antônio Gonçalves da Silva Batuíra (1838-1909), editor do impresso *Verdade e Luz*, fundado em 1890; e, na cidade de Matão, o farmacêutico Cairbar de Souza Schutel (1868-1938), editor do jornal *O Clarim*, criado em 1905. Maiores informações estão expostas em: Nogueira (2016) e Nogueira (2022).

compreender a dinâmica do “movimento das ideias” em um determinado grupo.

Ângela de Castro Gomes (1996) articula discussão semelhante ao analisar a ação de grupos intelectuais que teceram redes de sociabilidade na capital fluminense nas primeiras décadas do século XX, com o intuito de propor projetos relacionados ao “Brasil moderno”. Ela demonstra a importância dos impressos vinculados a espaços associativos, fundamentais para o funcionamento desses “lugares de sociabilidade”; espaços que podem ser escolas, associações intelectuais, salões, revistas etc. Em sua acepção, a definição de intelectual pode ser entendida como:

[...] produtor de bens simbólicos envolvido direta ou indiretamente na arena política. Esse “pequeno mundo”, no dizer de Jean-Paul-Sartre, é composto por especialistas no processo de criação e transmissão cultural, que despertam a atenção dos envolvidos com o “círculo do poder político” por suas capacidades de interpretar a realidade social e produzir “visões de mundo” (Gomes, 1996, p. 38-39).

Os impressos produzidos em espaços associativos, porta-vozes de determinados grupos, constituem um campo de produção de bens simbólicos e que articulam “circuitos alternativos para o debate e circulação de ideias” (Gomes, 1999, p. 12). É por meio desses suportes que os intelectuais se organizam em torno de sensibilidades e ideais, exercendo influências sobre outros grupos. Nesse sentido, de acordo com as formulações de Pierre Bourdieu, podemos refletir sobre a noção de campo, que pode ser entendida como espaço de conflito; seja o campo social, artístico, intelectual, religioso, e que representa um sistema de relações caracterizado pela competição entre os agentes em busca da hegemonia no campo, e cujas contendas possuem o intuito de angariar capital simbólico, ao procurar edificar o que deve ser considerado legítimo para um determinado grupo social (Ortiz, 1983).

Interpretadas nesses termos, as associações espíritas são sociedades de ideias e expressam espaços de interação social, no qual se estabelecem vínculos afetivos e solidariedades, englobando funções sociais, políticas e culturais, e que proporcionam a construção de identidades e imaginários culturais, mas que, também, significam locais para a produção de um discurso que busca exercer a hegemonia dentro do campo, estabelecendo as interpretações legítimas sobre o seu sistema doutrinário.

1 O IENJ e seu projeto cultural e educacional

Uma das sociedades de ideias espíritas que se destacou na capital paulistana foi o Instituto Espírita Natalício de Jesus (IENJ), fundado em 1º de maio de 1908, sob os auspícios de dois importantes espíritas do período: Francisco Antônio Bastos (1850-1929), que iniciou a sua atuação no espiritismo em 1903, desde a fundação do Centro Espírita São Paulo e do jornal *Nova Revelação*, instituições que tiveram papel relevante na consolidação da doutrina na cidade (Nogueira, 2016). Este centro foi o primeiro a implementar atividades federativas em solo paulista e, posteriormente, foi a entidade base da União Espírita do Estado de São Paulo (UEESP), fundada em 1908, e que patrocinou a fusão de outros centros espíritas³. A instituição também foi obra da eminente educadora Anália Emília Franco (1853-1919), cujo trabalho na época se notabilizou pela fundação da Associação Feminina e Beneficente de São Paulo (AFBISP)⁴. Sua vida foi dedicada ao incansável ativismo em defesa da educação, instrumento fundamental para a transformação social, o que influenciou definitivamente na idealização do IENJ com características culturais e educacionais, conforme veremos mais adiante.

É indispensável apresentar uma rápida observação. Os pesquisadores que se debruçaram em relação à vida e obra de Anália Franco advertem que sua participação no campo espírita foi tímida, preocupada em não comprometer a imagem da AFBISP, instituição de caráter laico, deixando para Francisco Bastos a efetivação do seu projeto espírita. Nesse sentido, teria escrito pouco sobre a doutrina, especificamente o opúsculo *Habilitação à Assistência nas Sessões de Espiritismo* (Oliveira, 2007). No entanto, se a sua produção educacional não indica qualquer relação com o espiritismo, ao nos debruçarmos nos periódicos espíritas editados por Francisco Bastos, percebemos que ela assumiu postura

³ Bastos ocupou, em 1911, a vice-presidência dessa associação, na ocasião em que Anália Franco foi eleita presidente. O jornal *Nova Revelação* foi transformado em órgão de divulgação da UEESP, logo após a sua fundação, publicando, simultaneamente, a revista *Natalício de Jesus*. Nestes impressos, escreveu vários artigos em defesa do espiritismo, assumindo postura anticlerical. Publicou diversos textos com temas educacionais e sobre a relação entre música e espiritismo, além de peças teatrais para apresentação em festivais espíritas. No campo educacional trabalhou como contador na AFBISP, além de dirigir outras atividades nesta associação, especialmente a Banda Musical Feminina e o Grupo Dramático; foi cônjuge de Anália Franco.

⁴ Os limites deste artigo não nos possibilitam fazer um esclarecimento maior sobre o enorme papel que Anália Franco realizou em defesa do direito à educação e a rede de assistência social edificada pela AFBISP, devotada à infância, à instrução popular e ao atendimento às crianças órfãs e mulheres do período. A associação patrocinou a criação de dezenas de instituições: escolas, asilos, creches, liceus femininos, orfanatos e a Colônia Regeneradora D. Romualdo de Seixas. Ela também atuou na imprensa feminina e foi escritora, autora de romances, poesias e peças teatrais. Sua atuação pode ser melhor esclarecida nos seguintes trabalhos: Oliveira (2007); Lodi-Corrêa (2009).

proselitista, nos revelando participação ativa e militante no movimento espírita paulista, especialmente depois da criação do IENJ, o que culminou em sua eleição para a presidência da UEESP, em 1911; ao mesmo tempo, textos de sua autoria foram publicados na imprensa espírita na época.

O que nos parece é que desde a sua conversão ao espiritismo, em período anterior à fundação da AFBISP, ela procurou externar as suas convicções com bastante cautela, de forma gradual e contínua (Nogueira, 2016). De qualquer forma, sua atuação enquanto educadora e espírita foi sendo confundida aos poucos, pelo menos sob o ponto de vista dos espíritas, ainda que ela procurasse separar as iniciativas. Além de ser diretora e fundadora do IENJ, escreveu documentos institucionais para a associação e fazia preleções doutrinárias na sede da UEESP e nos festivais espíritas organizados pelo IENJ. Outra questão digna de nota são as profundas interações entre o IENJ e a AFBISP, pois as asiladas desta instituição participaram de diversas atividades do Instituto.

Em artigo denominado “Instituição espírita Natalício de Jesus e a colônia regeneradora”, que noticia a compra de fazenda onde será instalada a sede social da AFBISP, percebemos claramente as relações entre as instituições, ao afirmar que a construção atenderá, também, ao IENJ:

A realização de tal projeto não só constitui uma necessidade imprescindível, mas até uma garantia de progresso e vida para a instituição *Natalício de Jesus*, porque, uma vez ali convenientemente instalada, perto da capital, com largueza bastante para sua expansão, nada lhe virá faltar para isso, senão a continuação do trabalho, da dedicação, do esforço e da abnegação de todos os que se dedicam à causa da humanidade” (*Natalício De Jesus*, jul. 1911, p. 110).

O IENJ funcionou, inicialmente, na rua Quirino de Andrade, nº 39 e, posteriormente, foi transferida para a rua dos Estudantes, nº 76 e, por fim, para a Colônia Regeneradora da AFBISP. Da mesma forma que inúmeras associações espíritas do período, que patrocinavam várias obras de benemerência, o IENJ possuía serviço de socorro para os pobres e farmácia que distribuía remédios homeopáticos. Também oferecia sessões teóricas e práticas e conferências públicas, com a participação de Anália Franco, Francisco Bastos e João Penteadó.

Fundado em maio de 1908, iniciou a publicação da revista *Natalício de*

Jesus. Em um momento de pluralização e constituição de identidades espíritas, as práticas veiculadas pelo IENJ e seu impresso caracterizaram-se pelo caráter prescritivo de normas e práticas, objetivando a unificação de um movimento, na época, muito diversificado. A revista, em termos editoriais, representou projeto de vanguarda para a época, no âmbito das publicações espíritas, em virtude de sua qualidade editorial, e de ser publicada no formato de revista, que variou ao longo do seu ciclo de vida entre 16 e 20 páginas. Possuía sumário e seções definidas que foram alteradas apenas com a mudança de redator. Recebia contribuições de intelectuais espíritas de vários locais do Brasil e reproduzia artigos de outros impressos da imprensa em geral, de teor anticlerical. O diretor e redator era Francisco Bastos, sendo que, em 1911, João Penteado assumiu as funções de gerente e redator⁵.

O impresso procurava aliar as dimensões científica e religiosa da doutrina, publicando artigos que evidenciavam as pesquisas da época em torno da mediunidade, procurando demonstrar que o espiritismo era uma religião diferenciada, ao conciliar as descobertas científicas ao seu sistema doutrinário; ao mesmo tempo, publicava artigos de cunho moral, ressaltando o caráter cristão da doutrina, com vários textos que discorriam sobre o poder da prece. Outro ponto importante que aparece ao longo dos volumes é a exaltação da obra educacional de Anália Franco. Uma característica interessante e que destoava em relação aos outros impressos espíritas do período era a grande quantidade de mulheres que publicaram no periódico, dentre elas Esther Monteiro, Augusta Andrade e algumas alunas da AFBISP.

A revista sofreu modificações desde que João Penteado assumiu a função de editor responsável, em março de 1911. O periódico passou a enfatizar um projeto cultural, cujo intuito era o de amplificar a propaganda e o entendimento sobre a doutrina, sob outros parâmetros. Na seção “Literatura” são publicadas resenhas de livros, escritas por Penteado, nas quais eram discutidos romances e poesias; ainda que não fossem de autoria de espíritas, eram reinterpretadas de

⁵ João de Camargo Penteado (1877-1965) possuiu uma vida dedicada à militância em prol da educação e do anarquismo. Ele escreveu para a imprensa anarquista e anticlerical e para a imprensa espírita da época, sendo redator do *Nova Revelação* e do *Natalício de Jesus*. Também foi professor na AFBISP, dirigindo o ensino tipográfico da instituição. Posteriormente, ele foi diretor da Escola Moderna Nº1, sob o nome de Escola Livre, instituição ligada aos grupos anarquistas de São Paulo (Peres, 2010).

acordo com os valores morais doutrinários, tais como caridade, amor, fraternidade, procurando demonstrar de que modo estes valores poderiam ser encontrados na produção cultural em geral, procurando reforçar a visão de mundo espírita e cristã. A leitura crítica das obras procurava defender, ao mesmo tempo, valores da modernidade, entre os quais a autonomia do indivíduo, a liberdade de pensamento e o anticlericalismo.

Nesse contexto, surge a seção “Primeiros voos”, que publicava pequenos textos literários, contos e poesias, produzidos pelas discentes da AFBISP, destinados a “exercícios de redação, composição, descrição de trabalhos literários preparatórios das alunas do colégio da colônia regeneradora D. Romualdo, da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva do Estado de S. Paulo” (*Natalício de Jesus*, mai. jun. 1911, p. 104). Assim, alunas entre 10 a 15 anos publicaram no espaço da revista pequenos textos, também sobre temas morais – ingratidão, disciplina, trabalho e abnegação – que, provavelmente, visavam alcançar público amplo através de uma linguagem simples. Interessante notar que as órfãs da AFBISP contribuíam para a obra do IENJ, seja escrevendo textos para a revista, ou participando dos festivais espíritas, tendo acesso às ideias espíritas de múltiplas formas.

Outra estratégia empregada pelo IENJ foi a organização de festas e festivais espíritas dirigidos por Anália Franco, nos quais eram oferecidas, além de palestras doutrinárias, diversas atividades culturais como conferências literárias, incluindo recitações de poesias, hinos, orquestra de música e representações dramáticas, que ocorriam no teatro infantil do asilo e creche da AFBISP. Francisco Bastos defendia a importância dessas atividades, especialmente da música nos encontros, com o objetivo de “desmaterializar” a alma alicerçando os fundamentos do bem, da moral e da caridade. Ele foi um dos intelectuais que mais demonstrou preocupação pela função da música e do teatro nas reuniões espíritas, escrevendo em vários momentos sobre o tema, na medida em que essas apresentações culturais teriam o objetivo de desenvolver o amor ao próximo e a “moralização das classes operárias” (*Natalício de Jesus*, mai. jun. 1911, p. 103). Bastos utilizou a sua experiência na direção do Grupo Dramático e da Orquestra da AFBISP para a organização desses festivais; o objetivo consistia em despertar

a atenção da sociedade, angariando novos adeptos por meio dessas iniciativas artísticas. No órgão de divulgação da UEESP, eram publicados convites dirigidos às mulheres, a fim de “atrair a atenção das exmas. Sras. para o estudo de nossa doutrina, proporcionando-lhes, mensalmente, por meio de conferências e apresentações teatrais, os conhecimentos do espiritismo” (*Nova Revelação*, nov. 1911, p. 222).

O primeiro Festival Artístico e Literário aconteceu em 1908 e, posteriormente, outras edições ocorreram de forma rotineira, intercalados com festas no mesmo formato que ocorriam em datas comemorativas, especialmente no Natal. Desde que Anália Franco assumiu a presidência da UEESP, esta instituição também passou a realizar festivais espíritas mensais, demonstrando o comprometimento do grupo do IENJ nessa estratégia de divulgação do espiritismo. Ao promover atividades culturais para a difusão doutrinária, proposta singular no meio espírita paulista da época, valorizava múltiplas linguagens ligadas ao teatro, à literatura e à música, e produzia uma cultura alternativa carregada de espiritualidade, reforçando as representações e imaginários de seu sistema religioso, capaz de oferecer elementos suficientes para interpretar os diversos campos da realidade.

Ao mesmo tempo, a atuação do IENJ enquanto sociedade de ideias expressou um espaço de acesso à cultura, valorizando diversas linguagens culturais ao público, ainda que tivessem a função principal de divulgação doutrinária. Aberto para o público em geral, a instituição possibilitava o acesso à leitura de livros em sua biblioteca, além de conferências, reuniões teóricas e dos festivais culturais citados acima, constituindo locais de mediações culturais e possibilitando a um público amplo entrar em estreito contato com diferentes produtos culturais (Nogueira, 2016).

Para complementar o objetivo de disseminar a doutrina espírita, o IENJ patrocinou outro projeto:

Os planos desta Instituição são vastos e só poderão ser executados por partes, segundo os elementos, que forem sendo reunidos pelos esforços e boa vontade, daqueles que já compreenderam que há de ser da escola e da educação moral, que terão de surgir a unidade de pensamentos e a harmonia no seio da família espírita. Toda a nossa atividade deve

convergir para esse ponto quase abandonado.

A maioria só cuida das sessões práticas, não se lembrando que não se levanta edifícios sem alicerces.

É preciso que o espírita divida metodologicamente o tempo, cuidando do seu aperfeiçoamento espiritual e, simultaneamente, dos que sofrem na terra e no espaço, e sobretudo na educação moral e intelectual da infância (*Natalício de Jesus*, mai. jun. jul. 1910, p. 2).

Assim sendo, o IENJ investiu em um projeto educacional de cunho proselitista, a partir da fundação de uma instituição que abarcava escola primária, escola intermediária, escola de música e uma escola de Filosofia Espírita, cujo professor era Francisco Bastos e que ministrava aulas de doutrina espírita para as crianças que estudavam no instituto, bem como aulas noturnas para adultos, especialmente senhoras, que tinham acesso à doutrina espírita em um ambiente escolar⁶. O modelo imitava, em parte, as escolas da AFBISP, pois também abrigava órfãos e oferecia oficinas profissionalizantes; mas, nesse caso, não se tratava de um projeto laico, pois agregava uma escola para espíritas e seus filhos, com aulas doutrinárias, embora estas fossem facultativas. A iniciativa chamou a atenção da FEB, que parabenizou Anália Franco pela criação do “Instituto Espírita de instrução primária, secundária e profissional para os filhos de espíritas” (*Reformador*, fev. 1909, p. 42), pedindo para que o seu exemplo fosse replicado em outros estados, como parte da organização espírita. Dessa maneira:

A meta de nossas aspirações é a propaganda da doutrina espírita, por meio do ensino, criando institutos e oficinas para educar e amparar os pobrezinhos órfãos, indistintamente, abandonados e filhos de espíritas. E nesse sentido temos já funcionando, regularmente, o Instituto, com 30 internados.

Temos a escola preparatória, aulas tipográficas, de ensino primário e música, aulas de estudos filosóficos e moral, as quais tem até hoje funcionado com grande aproveitamento e êxito.

Como se pode verificar, a parte técnica do Instituto está evidentemente acentuada (*Natalício de Jesus*, mai. jun. jul. 1910, p. 1).

Em sua ação educacional, a escola contemplava parte do projeto da AFBISP, agregando a experiência que os educadores conquistaram nessa instituição com o acréscimo de cursos doutrinários. Possivelmente, foi uma das primeiras experiências no Brasil em termos de uma Educação Espírita, após o Colégio Allan Kardec, edificado em 1907 por Eurípedes Barsanulfo, na cidade de

⁶ Em virtude da inexistência de documentos sobre o IENJ, e dos poucos exemplares encontrados dos periódicos editados por Francisco Bastos, não encontramos maiores informações sobre a escola, o que nos impede de analisar a proposta educacional com mais cuidado e a contribuição de Anália Franco para a chamada “educação espírita”.

Sacramento (MG).

2 Instituto Espírita Natalício de Jesus e o processo de unificação do espiritismo paulista

Nas páginas da revista *Natalício de Jesus* uma das temáticas recorrentes refere-se às práticas espíritas realizadas nos centros, consideradas incoerentes e desconexas, ao passo que apresentava um projeto de organização ao movimento. Embora a UEESP estivesse em pleno funcionamento, filiando centros espíritas do estado e sendo apoiada por Francisco Bastos, editor do órgão de divulgação da instituição, o IENJ também passou a agregar associações espíritas, inclusive de outros estados, desde que aceitassem o seu regulamento, permitindo aos grupos que não possuísem sede própria a utilização dos seus espaços, o que, possivelmente, possibilitaria alcançar uma maior influência sobre eles. Bastos se esforçou para agrupar as sociedades espíritas, estabelecendo redes de contato e solidariedade entre os grupos, congregando os propósitos em virtude da fragmentação do movimento.

Para Francisco Bastos, a UEESP externava a unificação institucional, mas o IENJ poderia oferecer o seu contributo para a concretização desse projeto, em termos doutrinários. É provável que isso ocorresse por haver discordâncias acerca do projeto entre os membros da União, formada por um grupo diversificado de espíritas que reunia Antônio Raposo de Almeida, Antônio Gonçalves da Silva Batuira, Donato Donati, Raul Silva e Studário Cardoso⁷. Exceto Batuira, agente fundamental do espiritismo paulista, mas que participou pouco da construção da instituição, embora tenha ocupado, inicialmente, a vice-presidência, os outros agentes não eram intelectuais amplamente reconhecidos no meio, pois pouco contribuíram na imprensa espírita da época. Desse modo, nos parece que, em razão de conflitos e disputas internas, Bastos, embora tenha transformado o *Nova Revelação* em porta-voz da UEESP, apoiando a consolidação da instituição, investiu, ao lado de Anália Franco, na criação do IENJ e de uma nova publicação, dentre outros motivos, para ampliar os efeitos

⁷ A UEESP, cuja missão seria a de federar os grupos existentes em São Paulo, foi criada após um longo caminho repleto de conflitos entre os diversos grupos espíritas paulistas, e com iniciativas que remontam ao final do século XIX. Algumas das discussões podem ser acompanhadas na imprensa periódica espírita, nos jornais: *O Clarim*, *O Mundo Occulto e Verdade e Luz*. Digno de nota é o fato da UEESP não pretender rivalizar com a Federação Espírita Brasileira, pois, desde o início de seu funcionamento, solicitou a filiação a essa instituição; para essa temática, consultar Nogueira (2016).

da unificação, investindo de forma diversificada nesse processo. As duas instituições nunca rivalizaram entre si, ao menos no nível discursivo, mas a proposta do IENJ não contemplava a participação dos outros agentes envolvidos na UEESP, sendo um projeto autêntico de Anália Franco e Francisco Bastos (Nogueira, 2016). Dessa forma, preferiram operacionalizar a construção de um conjunto de normas para sistematizar as práticas espíritas, pois, no seu entendimento, o espiritismo em seus aspectos científicos - ou fenomenológicos - , careciam de uma abordagem mais aprofundada e caberia ao IENJ assumir um papel de liderança nesse aspecto, enviando convites aos grupos com o objetivo de construir uma rede de centros espíritas.

Dessa forma, o IENJ simbolizava uma espécie de instituição complementar da UEESP, a fim de fornecer uma orientação “básica e metódica”, na perspectiva de coesão doutrinária, e instituir uma proposta pedagógica para tal intento, com vistas a “estabelecer a uniformidade de orientação com aqueles que estejam de acordo conosco” (*Natalício de Jesus*, jan. fev. 1911, p. 69). Para a consecução desse propósito, externou interesse no estabelecimento de parâmetros para a pesquisa experimental de forma sistemática, nos moldes estabelecidos por Allan Kardec. Conclamava os grupos para organizarem reuniões sérias, advertindo que as evocações de espíritos deveriam servir apenas para o conhecimento acerca do fenômeno, procurando diferenciar sua atuação daquela realizada por “feiticeiros”, e demonstrando receio em ser confundido com práticas mágico-religiosas de matriz afro-brasileira. Nesse sentido:

[...] os centros em que se não estuda, em que se não investiga, em que se não comprova o que dizem e o que fazem os seres de ultra-tumba, não são reuniões de espíritas, senão de espiriteiros, como chama o mestre Kardec (*Natalício de Jesus*, set. out. 1911, p. 127).

A instituição procurou desenvolver uma prática meticulosa, não aceitando naturalmente o conteúdo das comunicações, além do registro das reuniões para a organização de um material que norteasse a pesquisa em torno da mediunidade. Ao mesmo tempo, criticava centros que adotavam “práticas exteriores” como batizados e casamentos, próximos dos rituais católicos. Para o grupo do IENJ, os centros espíritas não poderiam se transformar em igrejas ou “locais de mistificação” (*Natalício de Jesus*, set. out, 1911, p. 127). Ao mesmo tempo, criou uma escola de médiuns, interessado na formação de pessoas que se interessassem

em estudar a comunicação mediúnica, algo que não era comum no espiritismo paulista, na medida em que as sociedades espíritas costumavam prever em seus estatutos reuniões práticas para a experimentação, mas sem prestar atenção a um estudo sistemático. Dessa maneira, as práticas do IENJ demonstram as características de uma identidade espírita preocupada com a formação intelectual e moral dos médiuns, e para desenvolver práticas de comunicação espiritual de forma metódica. A ideia de construção de uma escola para aprendizagem do espiritismo significa que a aquisição de conhecimentos intelectuais, além dos procedimentos mediúnicos – e de uma moral evangélica –, deveriam ser realizados em um ambiente educacional e com uma meticulosa proposta pedagógica.

Essa preocupação com o norteamento de práticas é demonstrada em uma publicação por parte de Anália Franco e Francisco Bastos, intitulada “Regulamento dos grupos espíritas, fundados e filiados ao Instituto Espírita Natalício de Jesus”, que estabelecia normas pormenorizadas para o funcionamento das sessões e a condução do trabalho pelos grupos⁸. O Regulamento apresentava o “Programa para dirigir os grupos espíritas das sessões práticas dos círculos fundados ou filiados ao Instituto Espírita Natalício de Jesus”, documento normativo, prescrevendo recomendações minuciosas aos médiuns acerca do funcionamento de cada sessão, as formas de doutrinação dos espíritos, e o inventário e tratamento das informações, pois se previa o registro das sessões para efetuar o estudo futuro das comunicações. Assim, a mediunidade, considerada como capacidade natural dos seres humanos, necessitaria de um aprimoramento a partir de conteúdos e estratégias educacionais para o seu desenvolvimento. Dessa forma, há uma centralidade do estudo e do conhecimento científico para o IENJ na busca de competências culturais para a prática da mediunidade.

3 A revista *Natalício de Jesus* e as questões sociais

Se a educação era uma preocupação fundamental para os intelectuais relacionados ao IENJ, todos eles com extensa experiência na AFBISP, outras

⁸ Pela leitura do *Natalício de Jesus* é possível perceber que a iniciativa de uniformidade doutrinária foi bem recebida, com o crescimento do número de adesões, o que demonstra uma demanda por diretrizes por parte das sociedades isoladas.

temáticas também eram recorrentes nas páginas do seu impresso. O ingresso de João Penteado, em março de 1911, na função de redator-gerente do *Natalício de Jesus* e do *Nova Revelação*, que passaram a adotar modelo editorial semelhante, conferiu novos ares aos periódicos, não apenas em relação ao projeto cultural com resenhas, contos e poesias, mencionados anteriormente; ao mesmo tempo, ele começou a publicar diversos textos, assinados ou adotando pseudônimos, de temática social e política, procurando aliar o espiritismo ao anarquismo⁹. Penteado se expressa por meio de pequenos artigos ou contos ficcionais, de forma didática, investindo contra as injustiças características da sociedade moderna. Seus textos demonstram grande preocupação relacionada ao impacto da modernização capitalista e o mal-estar causado na vida dos mais humildes que se dirigiram para as cidades, o que as transformava em grandes espaços de miséria. Ao relacionar o espiritismo aos ideais anarquistas, procura demonstrar os meios de superação desse quadro social, aliando consciência política libertária com a espiritualidade que a doutrina fornecia¹⁰. Paralelamente, permeia em seu pensamento um contundente anticlericalismo, próprio dos anarquistas, ao denunciar constantemente o poder que a Igreja exercia na sociedade, além de criticar o militarismo, clamando por uma sociedade na qual deveria predominar a liberdade, a fraternidade e a paz. Embora o anticlericalismo fosse uma tendência presente no *Nova Revelação* desde o seu início, Penteado trouxe uma postura mais militante em termos políticos aos dois periódicos fundados por Francisco Bastos e Anália Franco. Ao mesmo tempo, produziu artigos de cunho religioso e moralizante, através dos quais defende a proposta espírita como sendo o verdadeiro cristianismo.

Nesse processo, era elaborado um ideal de regeneração social. Para o grupo do IENJ, a religião espírita deveria estar identificada ao progresso da educação, condição indispensável para o aprimoramento moral do ser humano, mas, sem descuidar de preocupações sociais e políticas mais amplas, pois, a ética

⁹ Os relacionamentos tecidos entre grupos anarquistas e espíritas em São Paulo foram objeto de pesquisas por parte de Fernando Peres (2010) e Eliane Silva (2012). No âmbito europeu, um estudo importante é o de Gerard Horta (2004) que analisa as relações existentes entre o movimento espírita e os grupos anarquistas no espaço catalão entre fins de século XIX e início do XX, desnudando as posições destes grupos diante da situação produzida pela sociedade industrial moderna e a construção de projetos emancipatórios.

¹⁰ Alguns textos importantes são: Cenas da Rua (*Natalício de Jesus*, nov. 1911); Antídio (*Natalício de Jesus*, dez. 1911), Joasil, o descrente (*Nova Revelação*, mai. 1911), Dinheiro (*Nova Revelação*, mai. 1911); O militarismo e sua nefasta influência (*Nova Revelação*, jun. jul. 1911); Que Cristão!... (*Nova Revelação*, jun. jul. 1911).

espírita não seria em sua essência individualista, mas interessada nas questões sociais. A transformação do sujeito deveria ocorrer *pari passu* com o aperfeiçoamento da sociedade, algo vital para o desenvolvimento do espírito e para a construção de uma nova humanidade. Em suma, embora a questão moral, característica do pensamento de Allan Kardec, seja crucial na proposta de regeneração da sociedade, esses intelectuais também inseriam, no entendimento da doutrina, a necessidade de engajamento no mundo social de forma mais ampla¹¹; isto é, embora os problemas humanos fossem derivados de problemas morais, como o orgulho e a vaidade, podendo ser superados mediante o processo educacional, instrumento essencial para lapidar os sentimentos e conhecimentos humanos, o espiritismo, sendo uma doutrina universalista, deveria possuir um olhar abrangente da sociedade, incluindo os aspectos políticos e sociais.

Nessa senda, Penteado procura criticar em seus textos a ganância e a busca incessante pelo dinheiro que forja a ruína da sociedade, desvelando a verdadeira face do capitalismo e criticando a divisão de classes. Nesse processo, contextualiza a paisagem da metrópole em ascensão e de seus símbolos como as grandes avenidas, e que causariam certo deslumbramento, mas, cuja modernidade esconde um quadro angustiante onde se encontram:

[...] as impressões desoladoramente tristes, resultantes da contemplação dessas abomináveis misérias que lavram no seio apodrecido desta sociedade onde se vê a Hipocrisia elevada ao altar da Verdade, o Vício ocupando o lugar da Virtude e a Esmola - essa requintada patifaria das instituições sociais, essa vergonha da civilização - substituindo, com desfaçatez revoltante, a Caridade, cuja existência apenas se pode constatar, em diminuto número entre os corações puros, no grêmio dos humildes, dos simples (*Nova Revelação*, mai. 1911, p. 162)

João Penteado procura problematizar o verdadeiro sentido da solidariedade e da caridade. Ao criticar a esmola, ele defende a “reciprocidade de afetos”, garantindo a harmonia no tecido social capaz de forjar a paz e a felicidade de todos. A caridade seria vista sob a perspectiva de um processo de transformação da sociedade, não representando meramente a doação de bens. Nesse sentido, os pesquisadores que se debruçaram em relação à inserção do

¹¹ Devemos observar que Antônio Gonçalves da Silva Batuíra (1838-1909) foi outro intelectual espírita do período que igualmente apresentou preocupações políticas e sociais relacionadas à atuação dos espíritas, defendendo propostas socialistas por meio de seu periódico, *Verdade e Luz*. Outra iniciativa nesse sentido foi o impresso paulista *O Fim de Século* - Revista de Propaganda em favor do Socialismo, Cosmopolitismo e Espiritismo, editada por Artur Silva em 1898. Para essa temática, ver: Nogueira (2016); Nogueira (2023).

espiritismo no campo religioso brasileiro demonstraram que a edificação de obras beneficentes representou uma forma de estratégia de afirmação na sociedade por parte dos grupos espíritas, além de constituir parte da sua identidade; no entanto, o significado da caridade pode assumir interpretações diferentes. Para Giumbelli (1998), a atuação espírita relacionada à assistência social não evidenciaria, de forma simplificada, assistencialismo, mas uma relação fundamentada na ideia de direito que resulta em uma concepção mais ampla de cidadania; nesta concepção, portanto, contemplaria um ideário de justiça social; é nesses termos que compreendemos os textos de João Penteadado.

No conto denominado “Joasil, o descrente” e, igualmente em “Antídio”, Penteadado procura demonstrar os equívocos do senso comum em relação ao espiritismo, afirmando que ele é marginalizado na sociedade, e apresentando-o como uma doutrina libertadora, ao mesmo tempo no qual denuncia as mazelas sociais. Em “Antídio”, ele amplia essa visão, conciliando o anarquismo e o espiritismo, o que possibilitaria o triunfo da justiça e da liberdade no mundo social. Dessa forma, essas doutrinas poderiam fornecer um “sentimento de rebeldia revolucionária”, capaz de vencer a “hipocrisia da civilização”. Assim,

O espírita lhe mostrava sentimentos de respeito a Deus e ao próximo e o anarquista, conquanto não acreditasse senão na natureza, não o deixará de maravilhar, também, com seu sentimentalismo revolucionário que até certo ponto lhe parecia tão justo como admirável.

Viu, então, que a diferença entre os ideais de ambos era tão pequena que os não separava (*Natalício de Jesus*, n. 44, dez. 1911, p. 163).

Esta interpretação também é expressa em “Cenas da Rua”, escrito em tom mais inflamado, igualmente com o objetivo de conciliar as visões anarquista e espírita/cristã e demonstrar as tensões sociais existentes na época. A opressão aos trabalhadores pela classe burguesa é denunciada de forma mais contundente, cujos agentes seriam os “corruptos homens de estado, juízes venais, gananciosos capitalistas, embusteiros representantes do clero, caprichosas, inconscientes e fanatizadas mulheres e operários ignorantes” (*Natalício de Jesus*, nov. 1911, p. 151); todos estes estariam irmanados para perpetuar as relações de dominação, sendo considerados inimigos dos trabalhadores. Importante notar que o texto legitima a luta contra estas autoridades e o protesto “contra a organização social vigente”, vista como intolerável.

Uns são ricos senhores que abusam do fausto na ostentação dum luxo desenfreado, e outros, não passam de pobres operários que trabalham muito, comem mal, habitam casas sem higiene e são fatalmente condenados à morte pelo esgotamento de forças ou à velhice prematura, que não raro os leva ao opróbrio da mendicidade. Tal espetáculo nos confrange a alma provocando um sentimento de compaixão e revolta no meio do torvelinho incompreensível da cidade com seu formigamento de povo (*Natalício de Jesus*, nov. 1911, p. 150).

Dessa forma, para Penteadó, o espiritismo não representava uma religião alienada da realidade material, mas sim, uma doutrina que procura captar o movimento social em suas múltiplas possibilidades, condição *sine qua non* para transformação do sujeito: a libertação das consciências, assim, não seria ocorrer apenas no âmbito religioso, mas em toda a dinâmica social. Para ele, a sociedade está se desintegrando moralmente e a sua superação se daria pelo caminho espiritual e material proporcionado pelo espiritismo e pelo anarquismo. A reforma das instituições seria fundamental para o advento de um mundo regenerado, nos moldes espíritas. O que nos parece é que a escolha de Penteadó na posição de gerente dos periódicos, e um de seus principais articulistas, demonstrava a intenção em assumir uma posição mais ampla na discussão política e social; possivelmente, outra forma de angariar legitimidade. Ao mesmo tempo, pretendia evitar que os espíritas ficassem indiferentes às precárias condições de vida da população, abarcando em seu programa os excluídos da sociedade.

Nesse sentido, a ação social espírita não deveria ser direcionada apenas à caridade, embora esta seja um viés primordial, mas na defesa da transformação da ordem social vigente. Esta não poderia ser suplantada mediante uma atitude conformista, a partir do mero reconhecimento de que os indivíduos devem vivenciar múltiplas reencarnações nas quais ocupariam papéis distintos no mundo, dependendo de suas ações em vidas pretéritas – na medida em que a Terra seria mundo de “provas e expiações” –; mas no reconhecimento de que as contradições existentes são fruto de um sistema político e econômico que precisava ser transformado. É nesse sentido que compreendemos a denúncia das injustiças sociais apresentada nos textos de Penteadó, que configuram um ideário social transformador com consequências democráticas.

Alguns importantes estudiosos já haviam identificado os vínculos

existentes entre o socialismo romântico e o espiritismo. Aubrée e Laplantine (2009) e Sharp (2006) defendem que os espíritas desde o início do movimento militaram em prol de causas progressistas, como a igualdade de direitos da mulher, o sufrágio universal, o ensino leigo gratuito e obrigatório, possuindo uma visão liberal radical ou socialista utópica. Dessa maneira:

[...] A época da máquina a vapor é também a época das revoluções sociais e a época dos espectros. Não se trata de coincidências. Se conseguirmos esclarecer um pelo outro, o espiritismo e o social, assim como essa explicação do social que é o socialismo, observaremos que um é literalmente incompreensível sem o outro. Espiritualidade do progresso indissociável de um projeto social (podendo avançar, como veremos, até o socialismo no sentido em que é compreendido no século XIX), o espiritismo nos permite compreender os bastidores. Permite-nos perceber que não há de um lado a *razão* social e política e, do outro, as *loucuras da razão*: as utopias espiritualistas do século XIX. Os sindicatos e os ectoplasmas participam de um mesmo movimento, e tudo nos leva a pensar, de acordo com Philippe Muray (1984), que seu vínculo se impõe como uma necessidade (Aubrée; Laplantine, 2009, p. 93).

De qualquer forma, o projeto editorial das revistas *Natalício de Jesus*, e *Nova Revelação*, sob os cuidados de Francisco Bastos e João Penteado, demonstram a existência de uma corrente no espiritismo paulista que abordava os valores doutrinários em diálogo com o mundo social e político; defendiam uma reforma religiosa e social, acreditando que a transformação deveria se realizar no campo da ação moralizadora do espiritismo e no ativismo social, cuja base estava na educação, capaz de reformar os costumes sociais. Nesse aspecto, não defendiam claramente a ação revolucionária, preferindo um socialismo mais evolucionista e espiritual. Em consequência, ocorriam encontros entre os ideários destes grupos dissidentes e minoritários, anarquistas e espíritas, principalmente ao redor de uma “comunhão ideológica”, e da luta contra a predominância da Igreja, construindo redes de sociabilidade entre esses grupos (Nogueira, 2016).

O número 44, de dezembro de 1911, foi o último volume encontrado da revista *Natalício de Jesus* e não temos mais notícias sobre o instituto. Coincidentemente, é o momento no qual João Penteado se afastou da instituição, para assumir a iniciativa escolar anarquista, a Escola Moderna N. 1. Aparentemente, o IENJ não sobreviveu por muito tempo, possivelmente por falta

de recursos ou por conflitos com a direção da AFBISP¹². Nesse sentido, a leitura dos balancetes publicados na revista *Natalício de Jesus* demonstram o esforço de Anália na concretização da instituição, na medida em que as despesas destinadas à impressão do periódico, aos aluguéis e aos materiais escolares eram maiores do que as receitas provenientes de contribuições e era através do aporte de recursos por meio de empréstimos advindos da educadora que o IENJ conseguia se manter. O desaparecimento da instituição pode estar relacionado à escassez de recursos e à falta de apoio da maioria dos espíritas; também pode ter ocorrido conflitos com a UEESP, que foi sendo esvaziada ao longo dos anos. Todos estes fatores podem ter levado à desistência deste projeto inovador no espiritismo paulista.

Conclusão

O Instituto Espírita Natalício de Jesus e seu órgão de divulgação atuaram no espaço público paulista articulando estratégias de legitimação no campo espírita mediante suas ações filantrópicas, suas propostas educacionais relacionadas a uma escola espírita que contemplasse a formação de crianças e adultos, e a um projeto cultural que patrocinava festivais com saraus, concertos musicais, peças de teatro, por meio dos quais a doutrina espírita era expressada de múltiplas formas. Procurou exercer um papel importante na produção e divulgação de saberes ligados às prescrições de práticas do chamado espiritismo científico, possuindo uma função normatizadora em um período no qual se procurava definir as práticas legítimas que os espíritas deveriam assumir. Ao mesmo tempo, defendeu a atuação do espiritismo em prol das causas sociais, articulando o espiritismo ao anarquismo; representou, assim, uma das sociedades de ideias espíritas mais progressistas do período. Nestes termos, pode ser entendido como representante de um processo de disputas simbólicas em torno da identidade espírita no Brasil, alicerçado na questão da unificação institucional e na uniformização das práticas. Por fim, ao refletir sobre as questões sociais e políticas do período, representou mais do que um movimento religioso, mas um ambiente produtor de cultura política, que relacionava o

¹² Isso pode ser notado com a morte de Anália Franco em 1919, pois a nova presidente da AFBISP desferiu críticas à administração anterior e Francisco Bastos foi afastado da instituição (Oliveira, 2007).

ideário espírita a um comprometimento com a cidadania (Nogueira, 2016).

A partir dos ideários espíritas, da visão educacional dos intelectuais e das ideias anarquistas de João Penteado, estas vagamente explicitadas, estes agentes pensaram uma sociedade onde a promoção social, a autonomia, a democracia, e os direitos sociais fossem considerados no interior da doutrina espírita. Defendiam um processo de transformação social e espiritual da sociedade, ancorada na educação, e que pudesse contribuir para fomentar uma mudança nas precárias condições de vida da população excluída pelo cenário construído pela modernização excludente da cidade.

Desse modo, o círculo de intelectuais que se engajaram neste projeto, e também na vida urbana da cidade, estavam relacionados à educação paulista, naquele momento, em torno da AFBISP. O cabedal apreendido nessa associação foi fundamental para a consecução do IENJ e de seu periódico, aliado à enorme experiência de Anália Franco na luta pela educação, de Francisco Bastos no jornalismo espírita e de João Penteado na militância anarquista, enriquecendo a produção editorial da revista. O resultado foi uma experiência diferenciada na qual o espiritismo é percebido como um projeto cultural, educacional e social. E eles se engajaram em questões fundamentais, criticando o tradicionalismo de uma sociedade pautada pela dominação ideológica da Igreja Católica, as condições de vida dos trabalhadores, a situação das mulheres, e o frágil papel do Estado na educação. Portanto, defendiam as práticas de caridade, mas não recusavam outras temáticas presentes na sociedade, o que fazia parte do ideal de progresso do espiritismo.

Neste processo, o IENJ se apresentou como alternativa na sociedade paulistana, um espaço de debate e cultura através do qual múltiplos personagens compartilhavam ou tinham acesso a experiências culturais e intelectuais, novas concepções de mundo e sensibilidades, independente de sua condição social, contribuindo para a diversificação da cultura letrada paulista. Ao mesmo tempo, os espíritas estabeleceram redes de relacionamento com outros agrupamentos, anticlericais, maçons, socialistas e anarquistas, o que demonstra afiliações ideológicas em torno de propostas progressistas em uma sociedade em transformação (Nogueira, 2016).

Em nossa perspectiva, o espiritismo e as outras doutrinas espiritualistas que adentraram no Brasil representaram um movimento complexo, compreendendo um sistema de representações e de sociabilidade muito peculiar, portador de um novo modelo sociocultural e que ultrapassa a dimensão do campo religioso. Novos agentes sociais que, no interior desta pluralidade de culturas e experiências que as cidades conheceram, tornaram-se sujeitos políticos e romperam com padrões da sociedade vigente.

REFERÊNCIAS

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos**: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

BASTIAN, Jean-Pierre. **Los disidentes**. Sociedades protestantes y revolución en México, 1872-1911. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica/Colegio de México, 1989.

CRUZ, Heloisa de Faria (org.). **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial, 2000.

FURET, François. **Pensando a Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GIUMBELLI, Emerson. Caridade, assistência social, política e cidadania: práticas e reflexões no espiritismo. In: LANDIM, Leilah (org.). **Ações em sociedade**: militância, caridade, assistência etc. Rio de Janeiro: NAU, 1998.

GOMES, Angela de Castro. **Essa gente do Rio...**: modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOMES, Angela de Castro. *História & Historiadores*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HORTA, G. Espiritismo y lucha social en Cataluña a finales del siglo XIX. **Historia, Antropología y Fuentes Orales**, n. 31, 2004, p. 29-49. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27753156>. Acesso em: 30 jun. 2023.

LODI-CORRÊA, Samantha. **Anália Franco e sua ação sócio-educacional na transição do Império para a República** (1868-1919). 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

MUNDO OCCULTO, O. Campinas: Sociedade de Estudos Psychicos “O Mundo Occulto”, 1908.

NATALÍCIO DE JESUS. São Paulo: Instituto Espírita Natalício de Jesus, 1908-1911.

NOGUEIRA, F. H. G. **Os espíritos assombram a metrópole**: sociabilidades espiritualistas (espírita e esotérica) em São Paulo na Primeira República. 2016. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NOGUEIRA, F. H. G. A Imprensa espírita paulista (1873-1911). **Interações**, v. 17, n^o 2, p. 339-357, out. 2022.

NOGUEIRA, F. H. G. Antônio Gonçalves da Silva Batuíra e os princípios sociológicos do espiritismo em São Paulo (1890-1909). **Revista Brasileira de História das Religiões**, 15 (45), 2023, p. 31-53.

NOVA REVELAÇÃO. São Paulo: União Espírita do Estado de São Paulo, 1908-1911.

OLIVEIRA, Eliane de Christo. **Anália Franco e a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva**: ideias e práticas educativas para a criança e para a mulher (1870-1920). 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2007.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

PERES, Fernando Antônio. **Revisitando a trajetória de João Penteado: o discreto transgressor de limites**. São Paulo, 1890-1940. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2010.

REFORMADOR. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1909.

SILVA, Eliane Moura. Entre religião e política: maçons, espíritas, anarquistas e socialistas no Brasil por meio dos jornais *A Lanterna* e *O Livre Pensador* (1900-1909). In: ISAIA, A. C.; MANOEL, I. A. (orgs.). **Espiritismo & religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SHARP, Lynn. **Secular Spirituality**. Reincarnation and Spiritism in Nineteenth-Century France. Lanham: Lexington Books, 2006.

VERDADE E LUZ. São Paulo: Typografia Espírita, 1890-1909.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. **Ritos de magia e sobrevivência**. Sociabilidades e práticas mágico-religiosas no Brasil (1890/1940). 1997. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.